

Os Movimentos Feministas no Jornal: Uma Análise do Discurso Sobre as Lutas das Mulheres em Reportagens de A Gazeta¹

Viviane MACHADO²

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

A questão da mulher torna-se urgente nas discussões sobre as abordagens midiáticas à medida que passamos por um processo de desconstrução de discursos e reconfiguração da luta feminista, em busca da conquista de espaços ainda não ocupados. Este trabalho surge com o objetivo de identificar e analisar os discursos presentes em reportagens do jornal A Gazeta, de ampla circulação no Espírito Santo, sobre os movimentos feministas. Como opção teórico-metodológica, utilizamos a Análise do Discurso, sob a perspectiva teórica francesa (AD), que une a reflexão sobre o texto e a história, além de propor um estudo das condições de produção dos enunciados. Ensejamos ao fim desse primeiro olhar sobre os discursos produzidos no jornalismo impresso levantar o debate sobre a representação social criada sobre os movimentos de mulheres no estado.

Palavras-chave: movimentos feministas; feminismo; análise do discurso; jornalismo impresso.

1. Introdução

As questões sobre as lutas feministas, que passa por um processo de reconfiguração, embalado pelo fortalecimento da luta pelos direitos humanos e das minorias em geral, tornaram-se urgentes nas discussões sobre as abordagens midiáticas, durante um momento em que a sociedade vive um processo de desconstrução de discursos sobre os espaços ainda não ocupados pelas mulheres, como por exemplo a reflexão sobre condições igualitárias de trabalho, a forma como a mulher ainda é vista de forma machista e conservadora, além da pouca ocupação de postos de trabalho. Passamos por um momento em que a cultura machista é fortemente combatida e há o surgimento de um maior número de coletivos e ativistas do movimento feminista. Mais do que antes, vemos o movimento feminista em pauta, o que era pouco comum há alguns anos, o que vem ocorrendo graças a atuação

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Territorialidades da UFES, email: vivianermachado@gmail.com. Este trabalho é orientado pela Professora Doutora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES, Ruth Reis, email: ruthdosreis@gmail.com

massiva da militância nas ruas e nas redes sociais. No contexto social atual, encontramos com mais vigor a discussão sobre a mulher e seus papéis na sociedade, permitidos pela efervescência da luta feminista. Discussões amplas e mais abertas sobre cultura do estupro, assédio sexual, machismo, igualdade de gênero, entre outros temas, permitiram que a questão fosse mais disseminada e que mudanças no curso da sociedade acontecessem.

As redes sociais tornaram-se um espaço mais amplo e aberto para que as minorias pudessem apresentar suas pautas e gerar discussões a respeito de suas causas. Isso só foi possível a partir da evolução tecnológica que permitiu que os espaços de comunicação se ampliassem. Esse novo sistema de comunicação, cada vez interativo, possui uma língua universal digital, que promove a integração da produção e distribuição de palavras, sons e imagens da nossa cultura, permitindo personalização (CASTELLS, 1999). Com o crescimento exponencial das redes interativas de computadores, novas formas e canais de comunicação puderam ser criados e a partir deles conseguimos moldar novas configurações da sociedade. Uma forma possível de se explicar o motivo pelo qual o surgimento das novas tecnologias tem permitido o fortalecimento da luta por direitos humanos e minorias, incluindo aqui o movimento feminista, é o que diz CASTELLS (1999):

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso, cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nesses anos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social (CASTELLS, 1999, pag.23)

Nesse processo de evolução tecnológica o Jornalismo também passa por um momento de reconfiguração. A produção de notícias, a disseminação das informações e as práticas profissionais foram impactadas com a chegada da internet e posteriormente das redes sociais. Tradicionalmente, o Jornalismo pautava as discussões diárias em sociedade; com as redes sociais, outros espaços de discussão foram criados. Para que o Jornalismo não ficasse de fora desse contexto, ele também busca reverberar o que está em pauta nas redes sociais para também participar dos debates. Por muitas vezes, jornalistas são pautados pelo que acontece nas redes sociais. Uma primeira pista sobre o maior aparecimento dos movimentos sociais (das minorias) nos jornais pode ser essa mudança na forma como o Jornalismo se pauta, diferente do que era observado em outros momentos da história. Dentro desse

contexto, surge o questionamento deste trabalho, que busca identificar o espaço ocupado pelos movimentos feministas nas páginas de um dos principais jornais do Espírito Santo. Para a análise do discurso sobre os movimentos feministas, escolhemos o jornal A Gazeta. Fundado em 11 de setembro de 1928, com 86 anos de existência, já publicou mais de 30.431 edições³. O jornal chega a todos os municípios do estado e é lido por muitos formadores de opinião. Essa característica evidencia a relevância da escolha do corpus para buscar entender que discursos são produzidos a partir da mediação jornalística produzida por esse veículo de comunicação e como os movimentos feministas são retratados, além de identificar quais são as principais lutas do movimento que entram em pauta.

Neste trabalho, o jornalismo também é visto como um território, onde se estabelece um palco de disputas discursivas sobre as questões da sociedade, entre as quais a questão dos direitos da mulher e do feminismo. Como tal, o jornalismo se transforma em um importante repositório em que ficam armazenados dados que evidenciam os discursos por ele construídos ou disseminados sobre tudo o que ele trata. Para entender os territórios, buscamos referências na Geografia, que podem ser aplicadas para quaisquer áreas. Os territórios são frutos de uma construção histórica, social e sempre vinculados a processos de apropriação e dominação de um espaço e de pessoas (SAQUET, 2015). Os territórios que compõem a Comunicação são vistos, portanto, como instrumentos que os homens, comunidades e sociedade usam para tomar posse do mundo e realizar transformações (RAFFESTIN, 1993). Tais instrumentos, sob o nosso ponto de vista, são as mensagens e códigos, sua linguagem, meios e modos de produção usados em todo o processo comunicacional. Entendendo as questões que permeiam esses instrumentos, podemos compreender de forma mais objetiva as experiências que são produzidas nesses territórios, ou seja, as suas territorialidades. Portanto, o Jornalismo é um território de disputa de poder, por seu caráter legitimador, por seu reconhecimento como enunciador autorizado na sociedade contemporânea, pois o que se diz a partir desse lugar tem valor de verdade.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de Mestrado do Curso de Pós-Graduação de Comunicações e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que tem o objetivo de pesquisa o jornalismo como base de dados para análises discursivas e dos conteúdos que são publicados todos os dias na imprensa. Nesta pesquisa, inclui-se também

³ Dado coletado em 9 de julho de 2016.

o debate sobre o Big Data e o Jornalismo Guiado por Dados sendo usados principalmente como uma ferramenta para compreender melhor o produto originado nas redações jornalísticas.

2. Questões teórico-metodológicas

Como uma opção teórico-metodológica, utilizamos a Análise do Discurso, sob a perspectiva teórica francesa (AD) para analisar o material coletado. A AD une a reflexão sobre o texto e a história, além de propor um estudo linguístico que considera as condições de produção dos enunciados. Partimos do pressuposto de que a linguagem e sua dimensão discursiva não constituem um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação. Para nós, a linguagem é fruto de produção social. Portanto, como identifica BRANDÃO 2004, não é neutra, nem inocente, nem natural, é uma manifestação de ideologias. Além disso, a linguagem é estudada dentro dos contextos históricos, constituída pelos processos históricos sociais. Para a autora, há uma estreita e direta relação entre a linguagem e a ideologia, sendo a primeira o lugar onde a segunda se manifesta concretamente. A linguagem, aqui, é colocada como lugar de conflito. “O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” (BRANDÃO, 2004, p. 31).

Na perspectiva teórica francesa da Análise de Discurso, considera-se o quadro das instituições onde o discurso é produzido; os embates históricos e sociais que se cristalizam no discurso; e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior do discurso (BRANDÃO, 2004). O discurso não pode ser dissociado das questões sobre ideologia, uma vez que ele é uma prática social cristalizada ao mesmo tempo que modela uma visão de mundo (FIORIN, 1993). As ideologias, desde a organização do homem em sociedade, compreendem um mecanismo complexo de investimento de sentidos que delinea o que os membros de uma sociedade pensam e como devem pensar. Para que ideologias permaneçam como dominantes, mecanismos são usados para a perpetuação ou reprodução de condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Neste contexto, segundo ALTHUSSER apud BRANDÃO 2004, as informações que circulam na sociedade, legitimadas através do papel do Jornalismo são aparelhos ideológicos, ou seja, contribuem para que a ideologia da classe dominante permaneça dominante e que seja perpetuada através da persuasão e não necessariamente da repressão. É nesse contexto de formação

ideológica do Jornalismo que este trabalho visa analisar os discursos sobre os movimentos feministas no jornal A Gazeta, jornal de prestígio no Espírito Santo, com 86 anos de existência.

A coleta de matérias com a temática dos movimentos feministas foi feita através do banco de dados do jornal A Gazeta, onde todas as matérias do jornal estão inseridas⁴. Dentro do veículo, essa base de dados recebe o nome de *tark* (Figura 1).

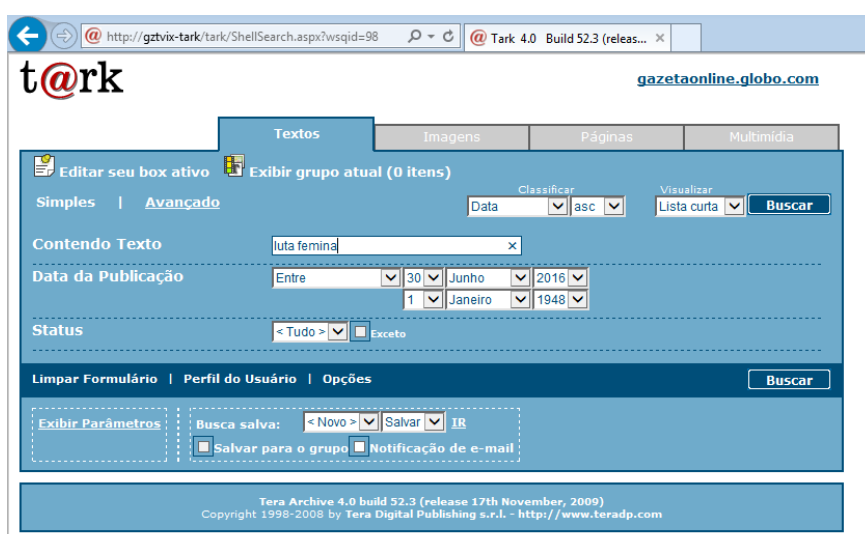


Figura 1: Software usado para pesquisa e armazenamento de reportagens do jornal A Gazeta. Nele, é possível realizar buscas por palavras presentes no texto, data de publicação, além de classificar as reportagens por relevância.

No *tark*, é possível realizar buscas de reportagens em um dia, durante um período, ou ainda antes e depois de uma data escolhida. Os textos, imagens e anexos são colocados na íntegra, junto as informações sobre a editoria onde a matéria foi publicada, um pequeno resumo, número da edição do dia e a autoria do conteúdo. Inicialmente, para entender o volume de dados com o qual iríamos nos deparar, realizamos uma pequena busca, selecionando o primeiro semestre de 2016 como período histórico, com palavras-chave que fazem referência aos movimentos feministas. Mesmo que palavras como “feminismo” ou “feminista” não estejam na matéria, essa pode apresentar a temática de outra forma: falando sobre as lutas do movimento, sobre suas bandeiras, suas ativistas, etc. Por isso, escolhemos os seguintes termos para realizar a busca inicial: “feminismo”, “feminista”, “movimento feminino”, “movimentos femininos”, “movimentos feministas”, “movimento mulheres”, “movimento mulher”, “dia da mulher”, “machista”, “machismo”, “primeiro assédio”,

⁴Recebemos a autorização da Rede Gazeta para realizar a busca em sua base de dados dentro da empresa.

“machista”, “machismo”, “meu amigo secreto”, “vamos juntas”, “ativismo mulher”, “ativismo mulheres”, “igualdade mulher”, “igualdade mulheres”, “igualdade de gênero”, “não mereço ser estuprada”, “marcha das vadias”, “marcha mulheres”, “marcha mulher”, “única mulher”, “primeira mulher” e “autonomia mulher”.

De todos os termos escolhidos, alguns não foram encontradas, como “meu amigo secreto”, “primeiro assédio”, “ativismo mulher” e “igualdade mulheres”. Em outros casos, encontramos mais ocorrências: “machismo” e “machista”, por exemplo, apareciam mais de 50 matérias ou notas nas edições do primeiro semestre de 2016. Já o termo “dia da mulher” tinha cerca de 25 reportagens ou notas.

Depois dessa busca, decidimos utilizar um método para escolher as matérias que teriam seu discurso analisado. Para tanto, fizemos uso de um sistema amostral inspirado na “semana composta”⁵, método de escolha aleatória, que se constrói uma semana objeto de análise. Nele, parte-se do pressuposto de que o comportamento editorial dos veículos de comunicação de massa apresentam características que são comuns de acordo com os dias da semana. Escolhemos então, o domingo 24 de janeiro, a segunda-feira 8 de fevereiro, a terça-feira 17 de maio, a quarta-feira 29 de junho, a quinta-feira 18 de fevereiro, a sexta-feira 18 de março e o sábado 4 de junho. Em cada uma dessas datas conseguimos identificar matérias com a temática e iniciar a análise do discurso, tendo alcançado assim um conjunto de sete matérias jornalísticas para serem analisadas. Na escolha aleatória para compor esses dias da semana, tentamos diversificar as editorias em que encontramos os termos pesquisados. Ao final, percebemos na busca, que a maioria esmagadora das matérias estava nas páginas de cultura e entretenimento. Poucas delas apareciam nas páginas de política e um número insignificante nas páginas de notícias sobre as cidades ou economia.

3. Desenvolvimento

Antes de começar o estudo sobre as matérias encontradas no jornal A Gazeta, precisamos entender sobre a história dos movimentos feministas. Para historiadores, como afirma HAHNER (1981), as mulheres estiveram ausentes ou mal-interpretadas em registros

⁵O termo é uma tradução livre da obra de HANSEN, COTTLE, NEGRINE e NEWBOLD, em 1998, “Mass Communication Research Methods”. No livro, os autores chamam a estratégia de se obter amostras da cobertura de um veículo de “rolling or composite week”.

históricos, porque eram os homens que escreviam a história, na condição de transmissores da cultura na sociedade e, por isso, não julgavam importante o papel da mulher.

As mulheres permaneceram à margem das principais relações do desenvolvimento histórico. [...] Na medida em que os historiadores, em geral pertencentes do sexo masculino, devotavam seus maiores esforços à investigação da transmissão e exercício do poder, a mulher continuava a ser basicamente ignorada. Na história política, diplomática e militar havia pouco lugar para a mulher, que há muito tem estado bastante afastada da estrutura de poder (HAHNER, 1981, p. 14)

Os movimentos que lutavam pelos direitos das mulheres no Brasil começaram, segundo HAHNER (1981), ainda na segunda metade do século XIX, quando um grupo feminista considerado pioneiro no país proclamou insatisfação com os papéis estabelecidos na sociedade, atribuídos a homens e mulheres. Nessa época, assim como são vistos na atualidade, existiam grupos de homens que se assumiam contrários à obtenção de direitos iguais para as mulheres e por isso desqualificavam o movimento. Percebemos aí que o início da história do feminismo no Brasil foi marcado pela luta por igualdade de direitos entre mulheres e homens. A primeira movimentação, em meados de 1890, foi a reivindicação de sufrágio feminino.

RANGEL (2011) explica que ao contrário de muitos países ocidentais, o feminismo brasileiro nasceu na imprensa e

a ela ficou restrito durante a maior parte do século XIX. Dessemelhante dos países citados, onde as feministas haviam adquirido a prática de conciliar ativismo e escrita militante, desde os primeiros ensaios do movimento, no Brasil, a adoção conjunta desses elementos, de forma objetiva e harmoniosa, só aconteceu no despontar do século XX. Até esse momento, prevaleceu como uma manifestação bastante tímida, embora incisiva, que orbitava entre a literatura e a imprensa (RANGEL, 2011, p. 153)

Nesta época, a imprensa foi considerada como único instrumento capaz de divulgar o pensamento das feministas do século XIX. Diferente do que acontece atualmente, quando as redes sociais ocupam esses espaços que outrora pertenciam à imprensa. CASTEELS (1999) atribui essa mudança social ao crescimento exponencial das redes de computadores, que cria novos canais de comunicação. Para ele, apesar das dificuldades encontradas no processo de transformação da condição feminina, o modelo de sociedade patriarcal foi atacado e enfraquecido em diversos países. Assim, os relacionamentos entre os sexos foram

se tornando, na maior parte do mundo, um território de disputas no lugar de uma esfera de reprodução cultural.

A produção constante das ativistas do movimento feminista nas redes sociais fez com que o tema feminismo ganhasse visibilidade no Brasil. Junto com essa visibilidade, velhos estereótipos continuaram a aparecer, entre eles a antiga percepção de que as feministas não eram “femininas”, despidas de qualquer vaidade; outro paradigma que ainda é reproduzido, principalmente entre os contrários ao movimento, é de que as feministas acreditam na superioridade das mulheres em relação aos homens. Apesar dessas disparidades entre o que se é e o que se fala sobre o feminismo, uma de suas principais lutas é mostrar que a mulher pode ser o que ela quiser, pode atuar nos espaços que quiser, preza, acima de tudo, pela igualdade entre os gêneros. Em 2016, observamos essa efervescência do movimento feminista com maior vigor. Casos de violência contra a mulher, por exemplo, que constantemente estampam capas de jornais por todo o Brasil, fizeram com que milhares de mulheres se unissem na luta contra a violência. É deste ano que surgiram diversas campanhas na internet para conscientizar a respeito do machismo, da cultura do estupro, da legalização do aborto, e dos direitos iguais. As campanhas movidas pelas ativistas e marcadas pelo uso das *hashtags* “meu primeiro assédio”, “meu amigo secreto”, “não mereço ser estuprada” movimentaram as redes sociais e deram visibilidade às causas das mulheres. O percurso a partir de agora ainda é extenso, mas aos poucos, observamos que as redes têm papel fundamental na ampliação dos espaços de comunicação dos movimentos sociais, incluindo o feminista.

3.1 A Análise Discursiva dos Movimentos Feministas na Imprensa Local

Em busca dos sentidos produzidos por estes textos, em um primeiro momento, analisamos as sete matérias escolhidas separadamente com relação à sintaxe, às formulações frasais, aos lugares de fala, autores, editorias, além de tamanho e importância relativa das matérias nas páginas em que foram publicadas, entre outras características qualitativas. O nosso ponto de partida para a análise do discurso é a compreensão de como um objeto simbólico produz os sentidos, observamos o modo de construção, a estruturação, os modos de circulação que compõem os sentidos do texto. É a partir dos vestígios deixados pelos autores do discurso que podemos ir mais longe e encontrar o processo discursivo.

Analizamos ainda no discurso a sintaxe e semântica das orações em que as palavras que remetem aos movimentos feministas apareciam. A sintaxe discursiva, segundo FIORIN (1993), compreende os processos de estruturação do discurso. Neste sentido, vai pertencer à sintaxe um procedimento como a introdução ou não da primeira pessoa nos verbos. Com o uso da primeira pessoa, entende-se um efeito de sentido de subjetividade, enquanto a utilização da terceira pessoa no tempo verbal produz um efeito de objetividade.

Por se tratar de um texto jornalístico, cuja característica é a objetividade, encontramos menos a presença de discursos em primeira pessoa. Isso acontece apenas quando o jornalista que escreve a matéria dá voz ao entrevistado e reproduz sua fala em aspas. Assim, conseguimos identificar a partir da forma como o texto é construído se o discurso feminista em questão é direto, indireto ou indireto livre. No discurso direto, o autor preserva integralmente o discurso relatado, o personagem consegue falar de maneira autônoma, criando um efeito de sentido de “verdade”, como aponta FIORIN (1993). Constatamos, então, que talvez seja esse o motivo dos jornalistas, embora tenham um discurso objetivo, usando a terceira pessoa, por muitas vezes dá voz aos entrevistados e reproduz o relatado por eles de forma “integral”, fazendo o uso de aspas.

A sintaxe discursiva, ainda segundo FIORIN (1993), está no campo da manifestação consciente. “Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor”. (FIORIN, 1993, p. 18)

A maioria das matérias escolhidas para a análise do discurso estava presente no caderno de cultura e entretenimento do jornal, chamado de C2 em A Gazeta. Das sete matérias, quatro estavam no C2; uma foi retirada de “Cidades”, mas se tratava de uma entrevista com uma autora que falava sobre seu livro com uma personagem feminista; uma estava em “Política”; outra em “Economia”, dentro de um artigo opinativo; e a última era uma frase destacada na editoria “Opinião”, do jornal. Na busca geral no software, percebemos que das mais de 46 matérias publicadas no primeiro semestre de 2015, que tinham as palavras “feminismo” ou “feminista”, cerca de 34 matérias ou notas estavam no C2.

Com esses conhecimentos em mãos, iniciamos a análise dos discursos no jornal A Gazeta. A primeira matéria, do dia 8 de janeiro de 2016, uma segunda-feira, traz a palavra feminismo para caracterizar as ações de uma banda de "arrochadeira", gênero musical popular no interior baiano, um híbrido de arrocha com pagode baiano. O título da notícia é: “Banda Vingadora desponta como hit do verão e do carnaval” e ocupa uma página inteira do C2. Escrita por homem, a matéria ainda possui duas fotos: uma delas mostra a vocalista com a roupa de exército que ela usa e com pose sensual, a outra mostra as integrantes da banda realizando a dança que é característica. A temática é exposta de maneira positiva para dizer que a banda formada por mulheres ocupa um espaço que tradicionalmente é dominado por homens. O lugar de fala na reportagem é da mulher, o discurso feminista é direto e livre, reproduzido dentro de aspas, o que reforça o protagonismo da entrevistada. Apesar disso, a matéria, que ocupa uma página inteira do jornal, traz a temática apenas no final, com dois parágrafos. Identificamos também as palavras relacionadas às lutas femininas nesta edição. São elas: preconceito, por se tratar de uma banda formada por mulheres; mudança de paradigmas sobre gênero, quando a entrevistada afirma que a banda veio para “quebrar essa mentalidade”; defesa dos direitos feministas; mulheres batalhadoras, poderosas, sensuais e empoderadas.

Na publicação de terça-feira, dia 17 de maio de 2016, com o título “Violência contra a mulher em Woman, série apresentada por Glória Steinem”, os movimentos feministas aparecem atrelados ao tema "violência contra a mulher", abordado em uma série televisiva. A pauta estupro coletivo está em evidência e o texto inteiro é uma exposição sobre a série "Woman", que fala sobre os estupros que ocorrem cotidianamente com as mulheres congoleesas que sofrem com as milícias e as guerras tribais, na África. Não há presença de falas reproduzidas de qualquer entrevistado ou entrevistada. Não há fotos e a matéria está espremida no meio das outras matérias, ocupando cerca de ¼ de página. O termo feminismo também pode ser visto de forma negativa ao ser considerado "chato" para quem não é ativista. Apesar disso, o parágrafo se encerra dizendo que a série "é tudo, menos sem graça", valendo para todos os públicos. A matéria assim como a anterior está presente no Caderno 2 do jornal, em uma coluna sobre as novidades da TV, assinada por uma mulher. Entre as palavras mais relacionadas aos movimentos feministas, sejam suas lutas ou adjetivos que o autor usou para falar sobre o assunto, identificamos: estupro coletivo, abuso sexual e ativismo.

O texto objeto de análise da quarta-feira está datado de 29 de junho de 2016 e também faz parte do C2. Assinada por uma mulher, a matéria que tem como título “Feministas de Quinta aliam cineclube e ativismo político” fala sobre um coletivo de feministas que utilizam o cineclube como forma de ativismo político. As lutas femininas da atualidade também são descritas ao longo do texto, falando sobre direito ao aborto e sobre violência sexual. A repórter que construiu o texto mescla o discurso indireto, fazendo uso da terceira pessoa, com o discurso direto, dando a palavra às feministas. Nos discursos das entrevistadas podemos identificar forte e unânime posicionamento político. Ao longo do texto, também encontramos pistas de que esse cineclube prioriza a participação das mulheres. São elas quem criam o evento, e todos os filmes são produzidos, dirigidos, escritos e estrelados por mulheres. A abordagem é bastante positiva e ressalta as seguintes lutas feministas: violência sexual, aborto, direitos reprodutivos da mulher, espaço para mulheres falarem e protagonismo da mulher. Ainda compondo a superfície discursiva, a matéria possui duas fotos: a primeira de um trecho de um dos documentários apresentados, que mostra uma mulher com um rosto sério, segurando um cartaz com a palavra “clandestino” para falar sobre o aborto clandestino que fez; já a outra mostra um casal de mulheres, em uma cena romântica de um dos filmes exibidos no Festival.

A matéria da quinta-feira, 18 de fevereiro de 2016, segue no mesmo estilo das demais – está presente no caderno de entretenimento. Escrita por um homem, a notícia “Cinco Graças discute costumes, feminismo e anseios juvenis” fala sobre a chegada de um filme francês a um cinema do estado, que possui o feminismo como um de seus temas. É a primeira vez nas matérias analisadas que a palavra “feminismo” aparece no título. As protagonistas do filme noticiado são cinco jovens que vivem na cultura machista e conservadora da Turquia. Embora o texto fale das questões sofridas pelas mulheres desde muito jovem, em outro país, o autor não deixa de relacionar as questões femininas que são levantadas (em menor grau) nos outros países. Entre elas estão, o preconceito, a violência física e verbal no qual mulheres passam todos os dias, perda de liberdade, casamentos forçados, perda da identidade por proibições com o uso de roupas, abuso sexual, repressão, ativismo, mulheres protagonistas, determinadas, fortes, e mulheres que merecem ser livres. Embora o discurso indireto esteja presente em sua maior parte, os momentos em que o discurso direto é usado, com falas em primeira pessoa, percebemos maior grau de ativismo. A matéria ocupa uma

página inteira, possui duas fotos com cenas do filme, mostrando as cinco jovens em momentos de cumplicidade.

A forma como os movimentos feministas aparecem na sexta-feira, dia 18 de março de 2016, é menor que nos outros dias, mas, concentrada em uma frase traz apenas o discurso direto, reproduzindo fielmente à frase dita pela ex-prefeita de São Paulo e deputada federal, Luisa Erundina, discordando de que Lula estaria entrando no governo Dilma (na época em que ele foi nomeado Ministro da Casa Civil) para salvar Dilma. Não há fotos ou título. Apenas a frase entre aspas: “Esse discurso fere a luta e as conquistas do movimento feminista pelo empoderamento das mulheres”. Neste contexto, as conquistas femininas no âmbito político foram colocadas em evidência, principalmente por ser um meio legítimo para empoderar as mulheres. Essa frase saiu na parte “Opinião” do jornal, e ocupa uma parte muito pequena da página. As outras opiniões presentes na página não falam mais nada sobre o feminismo, as sobre a opinião do jornal a respeito do impeachment da presidente Dilma Roussef e as constantes delações premiadas que acontecem no país durante essa primeira metade do ano. A publicação do dia 4 de junho de 2016, um sábado, também versa sobre temas políticos, mas está na parte de “Economia” do jornal, ocupando meia página. Trata-se de um artigo escrito por uma mulher sobre os impactos econômicos do impeachment de Dilma Roussef. Principalmente pelo tempo histórico pelo qual vivemos neste ano, com o pedido de impeachment da Presidente Dilma Roussef, primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente do Brasil, símbolo de longas décadas de luta feminista. Na edição desse dia um único trecho sobre os movimentos feministas é mencionado, quando diz que a escolha da deputada Fátima Pelaes para a Secretaria da Mulher parecia uma afronta ao movimento feminista, por ela não representar o que o movimento esperava da pessoa que iria conduzir os trabalhos de uma Secretaria estratégica para feminismo brasileiro. Identificamos aqui menções à participação política da mulher e a questão de sua representatividade no governo brasileiro. Não há fotos ilustrativas no artigo e o título é chamado de “Os dois lados”.

Por fim, a última matéria da semana composta, no domingo 24 de janeiro de 2016, está na parte “Cidades”, onde ficam as notícias cotidianas. A extensa reportagem, que também conta com uma entrevista em formato pingue-pongue, fala sobre um novo livro lançado pela escritora Ana Maria Machado. A publicação ocupa duas páginas e tem como título uma fala da escritora sobre a língua portuguesa. Há duas fotos: uma da escritora sentada em

uma cadeira, e a foto do livro que será lançado. Uma das perguntas do repórter foi sobre uma das personagens do livro, se ela poderia ser considerada feminista, por ser uma mulher “à frente do seu tempo”. Na resposta da entrevistada, reproduzida em discurso direto, ela diz que acredita que a personagem seja precursora do movimento, mas que não gostaria de rotular. Para explicar o motivo pelo qual a personagem poderia ser considerada a precursora do movimento feminista, Ana Maria Machado ressaltou a independência financeira da mulher e autonomia para definir a própria vida.

Ao final desta análise, pudemos compreender que os movimentos feministas neste primeiro semestre do ano de 2016 são abordados em uma maioria esmagadora de matérias no caderno de cultura e entretenimento, espaço que é mais dedicado aos produtos ficcionais e diversificados. Isso pode acontecer pelo uso feito da arte como forma de expressão de minorias, uma vez que esses espaços apresentam maior liberdade para se falar de assuntos que em outros territórios não são legitimados. Todas as aparições no caderno cultural possuem ligação com a música, com o cinema, com a literatura ou com a produção televisiva. É notório que as mulheres usam seus espaços já conquistados na cultura para legitimar seus discursos feministas. Neles, conseguimos enxergar as principais reivindicações do movimento feminista na atualidade, que objetiva, principalmente a conquistas de direitos sobre suas escolhas e seu próprio corpo, além de repudiar qualquer imposição machista. Essas mesmas características são percebidas nas divulgações sobre o movimento feminista atual presente em redes sociais. Tanto a temática, quanto a busca pela expressão artística evidenciam esse argumento. Também é sintomático que entre as matérias analisadas, o movimento feminista esteja pautado em discussões políticas, fruto de um momento em que feminismo consegue para além da arte estar pautado na política brasileira. O fato de possuir uma mulher como governante do país permitiu que conquistas históricas do movimento pudessem ser alcançadas. Mesmo com o processo de impeachment em curso e com Michel Temer como presidente em exercício, a pauta política feminista não saiu da agenda do movimento. Isso porque os direitos conquistados outrora ainda são reivindicados, não permitindo que os mesmos sejam suprimidos. Para além disso, o movimento continua sua articulação política, que também é histórica entre as feminista, para alcançar outros direitos para as mulheres. Aqui, o objetivo é conquistar, por exemplo, a descriminalização do aborto e a garantia de proteção às mulheres vítima de violência.

Com essa leitura sobre as matérias que tratam dos movimentos feministas, inclusive com o discurso direto das feministas, conseguimos identificar a agenda do movimento feminista que vem sendo construída hoje pelas ativistas e que tem sido acolhida no campo do jornalismo. Os temas propostos pelas mulheres acabaram tornando-se parte da pauta. São eles: defesa dos direitos das mulheres, violência contra a mulher, direito ao aborto, espaço de fala e protagonismo, fim de casamentos forçados, perda da liberdade, preconceito contra as mulheres, mudanças de paradigmas sobre gênero, empoderamento, e luta por espaços políticos e representatividade. Ainda não conseguimos identificar tanto avanço na abordagem, porque falta dar destaque ao assunto dentro da própria matéria. Podemos perceber isso quando nos títulos das matérias, das sete analisadas, encontramos apenas duas que possuem alguma palavra relacionada ao feminismo no título, que é para os leitores é a parte imediatamente mais lida e lembrada. Além disso, quando o tema é tratado, ele foi feito na maior das vezes ao final da matéria. É consenso de que os leitores por muitas vezes não chegam até o fim do texto em sua leitura, o que faz com que essa temática feminista, mesmo bem intencionada, não chegue até um número considerável dos leitores dos jornais; é preciso mais para isso.

Conclusão

Ao fim dessa análise sobre os discursos produzidos nas reportagens do jornal A Gazeta, bem como da reflexão teórica e metodológica da análise do discurso, sob a perspectiva francesa, podemos entender que a formação dos discursos vão muito além de uma simples reprodução da fala. O discurso carrega ideologias, está presente em uma estrutura que já foi estabelecida anteriormente, além de versar sobre diversas áreas do conhecimento que não apenas na Linguística. Formamos nossos discursos ao longo do processo de aprendizagem linguística (FIORIN, 1993). Com os jornalistas que escrevem as matérias, com os entrevistados que são a fonte da informação não é diferente,

é com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. (FIORIN, 1993, p. 32)

Para além da questão Linguística, na nossa reflexão teórica sobre a territorialidade aplicada à Comunicação e, sobretudo ao Jornalismo, entendemos os processos comunicacionais no território informacional são amplos e devem ser estudados levando em consideração todas

as relações de poder e dominação inerentes a qualquer território. Compreender esse processo torna-se crucial para identificar de forma mais assertiva como as ideologias influenciam na produção das notícias, na percepção do público e na construção da sociedade. Ou seja, como o Jornalismo desempenha seu papel de aparelho ideológico, formador de ideologias. Além disso, faz-se necessário também compreender que o contexto da produção de comunicação está imerso em um ambiente onde as relações são construídas historicamente e há, sobretudo, uma preocupação em manter posições ideológicas dominantes.

Por fim, entendemos que tanto o tema, quanto as análises do discurso podem ser ainda mais aprofundados, mas o presente trabalho nos dá pistas sobre como evoluir com as discussões sobre o assunto, além de indicar novos caminhos teóricos para ampliação dos estudos sobre a Análise do Discurso, o Jornalismo e os Movimentos Feministas.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1993.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HANSEN, Anders; COTTLE, Simon Cottle; NEGRINE, Ralph; NEWBOLD, Chris . **Mass Communication Research Methods**. Nova York: New York University Press, 1998.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **'Feminismo ideal e sadio': os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas, Vitória/ES (1924 a 1934)**. 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

SAQUET, Marco Aurelio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.